

ANÁLISE DAS CERÂMICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA E A POSSÍVEL PRESENÇA TUPI NO INTERIOR DA PARAÍBA

Thamires da Silva Cavalcante¹

Thalles Rennan Maia de Medeiros²

Juvandi de Souza Santos³

1 Aluna do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus I, e membro pesquisador do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP). Email: thamires.cavalcante@aluno.uepb.edu.br

2 Aluno do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus I, e membro pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Paleontológicas e Espeleológicas da Paraíba (GEPAPEP). E-mail: thalles_dm@hotmail.com

3 Prof.Dr.Coordenador do LABAP – UEPB. Email: juvandi@terra.com.br

RESUMO

Este artigo tem como objeto a análise das cerâmicas que foram encontradas no Sítio Arqueológico Moconha, situado em Serra Grande, sertão paraibano, a cerca de 450km de distância da capital. Tendo sido extraído uma enorme quantidade de material cerâmico do sítio, fez-se necessário que houvesse, pelo menos, uma análise preliminar de tal material. Desta forma, neste artigo há a análise de uma pequena fração do inúmero material cerâmico recuperado no qual foi identificado uma grande presença de características Tupiguarani em seu processo fabril, o qual não era esperado pelos pesquisadores do LABAP-UEPB, tendo em vista a construção historiográfica paraibana da divisão territorial indígena na Paraíba.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia; Cerâmicas; Tupiguarani;

ABSTRACT

This article aims to analyze the ceramics that were found at the Moconha Archeological Site, located in Serra Grande, interior of Paraíba, about 450km away from the capital. Having extracted an extensive amount of ceramic material from the site, it was necessary that there be, at least, a preliminary analysis of such material. Therefore, in this article there is an analysis of a fraction of the countless ceramic material recovered in which a large presence of Tupiguarani characteristics was identified in its manufacturing process, which was not expected by the researchers of the LABAP-UEPB, accordingly to the historiographical construction of the indigenous territorial division in Paraíba.

KEYWORDS: Archeology; Ceramics; Tupiguarani;

INTRODUÇÃO

Durante diversos anos a historiografia paraibana vem buscando entender e explicar a divisão dos povos indígenas em seu território, tanto durante o período pré-colonial como pós-contato. Há, portanto, diversas produções históricas e historiográficas que buscam interpretar os documentos da época para entender a divisão existente no território paraibano.

Entretanto, diversas produções historiográficas se baseiam em documentos produzidos à época, os quais, em sua grande maioria fora feita pelos europeus, trazendo uma visão de povos bárbaros para os nativos da região. Desta forma as produções estiveram sempre ligadas às ideias presentes nesta retórica eurocêntrica. Contudo, devido ao avanço das pesquisas arqueológicas no território paraibano, novas descobertas abrem novos olhares sobre diversas questões presentes nestes primeiros escritos.

Tendo em vista, que os achados arqueológicos também são documentos históricos, existe a

possibilidade de iniciar uma discussão, a respeito das distribuições étnicas dentro da Paraíba, utilizando como objeto de estudo documentos que não são embasados diretamente na construção retórica feita pelos europeus, sobre a cultura e identidade dos povos aqui presentes ao pré e pós-contato.

Outrossim, a arqueologia tem sido base importante para os estudos antropológicos e históricos em diversas regiões do mundo, não podendo ser diferente em relação as pesquisas desenvolvidas na Paraíba, faz-se necessário o uso de tais avanços e descobertas para que possamos elucidar, de forma mais detalhada, a ocupação territorial do que hoje chamamos de Paraíba, deixando de haver a separação simplificada perpetuada desde HERCKMANS, onde os Tupis dominavam apenas o litoral e o restante do interior seria o território Tapuia, como podemos ver:

Os tapuyas forma um povo que habita no interior para o lado do occidente sôbre os montes e em sua visinhança, em logares que são os limites os mais afastados das Capitânicas ora ocupadas pelos brancos, assim neerlandezes como portuguezes. [...]. As terras destes se acham ao occidente do Rio Grande e Cunhaú. Não tem logares certos ou aldeias onde morem; vagueiam demorando-se em um sitio, ora em outro. Na estação do cajú, que é em Novembro, Dezembro e Janeiro, descem ás praias, porquanto pouco ou nenhum cajú se encontra muito para o interior. Assim regulam-se pelas estações do anno para procurarem o seu alimento (HERCKMANS, 1639/1886, p.279).

Portanto, é possível notar que, apesar de Herckmans trazer certa complexidade para com a ocupação dos Tapuias, devido a suas vindas ao litoral durante as épocas de caju abundante, e tendo ele ainda apontado que houve contato maior apenas com um dos povos Tapuia, sendo eles os Janduí, ele ainda assim busca delimitar suas ocupações para as regiões mais ocidentais da capitania, pondo-os como os únicos ocupantes dos sertões (tendo sertões como toda a região não habitada pelos europeus) paraibanos.

Sendo seu trabalho o norte para diversas pesquisas históricas quanto à região, há ainda outros tão influentes quanto, principalmente de cronistas, mas um em especial, de Curt Nimuendajú, um etnógrafo de origem alemã, mas que dedicou toda sua vida para os estudos das tribos nativas do Brasil, corrobora com o conhecimento dado por Herckmans, já que em seu famoso mapa Etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes Nimuendajú determina apenas o litoral paraibano como sendo território tupínico.

Todavia, diversas descobertas feitas por pesquisadores do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Paraíba da UEPB (LABAP) apontam sítios arqueológicos com características Tupi no interior da Paraíba. Desta forma, este trabalho busca analisar a cultura material cerâmico encontrada no Sítio Arqueológico Moconha, localizada na cidade de Serra Grande-PB, a mais de 450km de distância da capital paraibana, João Pessoa, as quais tem como principal característica a policromia, característica básica na feitura de cerâmicas tupiguarani.

METODOLOGIA

A seguinte pesquisa visa explorar perspectivas históricas e arqueológicas, no que se refere à presença de povos tupi no interior paraibano, relacionada a outros povos indígenas, através da apresentação e análise de cerâmicas realizadas em laboratório, por meio da comparação das pinturas das cerâmicas indígenas, encontradas no Sítio Arqueológico Moconha em Serra Grande no estado da Paraíba. Nesse sentido, produzindo registros com base em dados coletados, para então conectar as diferentes representações contidas, trazendo breves colocações, separando e explorando as características gerais e específicas de cada pintura.

Cada cerâmica passou pelo processo de higienização através do uso de pincéis, com exceção de algumas delas que já apresentavam pinturas, ou não podiam ser higienizadas para melhor preservação, em seguida, as peças foram medidas, fotografadas e as fotos foram editadas para realçar as cores, e os motivos desenhados à mão para consequentemente analisar.

Considerou-se buscar fragmentos que possuíssem composição parecida aos do Sítio Arqueológico Moconha e assim classificar os motivos pintados a partir da utilização de textos, livros e artigos relacionados, com ênfase no que foi estabelecido na ficha analítica de motivos na pintura, presente no livro: *Cerâmica Guaraní* (1989) de Fernando La Salvia e José P. Brochado, a fim de observar o tipo, geometria, localização, aplicação, cores e equivalências com cerâmicas de outros sítios arqueológicos do Brasil.

Para comparar também foram utilizadas diversas pesquisas contendo imagens e análises de cerâmicas, dentre as principais, a pesquisa intitulada “*Motivos gráficos dos vestígios cerâmicos do Sítio Cachoeirinha I, Piauí*” (LOPES, MP, et al, 2018), “*Estudos sobre Caracterização, Classificação da Decoração da Cerâmica Arqueológica Pintada*” (SILVA, A. L.; OLIVEIRA, 2019) e “*A paisagem cultural do Sítio Arqueológico Piracanjuba, Piraju SP*” (DAVES, Larissa Figueiredo, 2016).

A identificação da geometria dos motivos teve como principal base “*Os Ceramistas Tupiguarani. Volume II. Elementos*” (PROUS, André; ANDRADE, Lima Tania, 2010). A maioria dos motivos foi identificado na parte interna dos fragmentos parcialmente ou quase totalmente conservados, e buscou-se começar a analisar geralmente da borda ao bojo, seguindo a partir dos padrões de decoração: vertical, horizontal e oblíquo.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O principal objetivo da pesquisa é apresentar os resultados preliminares das análises dos fragmentos em cerâmica retirados do Sítio Arqueológico Moconha, Serra Grande, estado da Paraíba, no sentido da ocupação indígena tupi na região do interior, tecendo assim estudos sucintos partindo da presença de pinturas, sua

distribuição, formatos e cores. Dessa forma, buscando-se as respectivas semelhanças com motivos presentes em outras vasilhas e fragmentos cerâmicos em outros sítios do Brasil. Todo o processo comparativo analisou uma vasilha e nove fragmentos de cerâmica, sendo possível detectar em todos os materiais a presença de motivos pintados.

A primeira peça trabalhada corresponde a uma vasilha de fina espessura, que mede 13 cm de profundidade e 113 cm de circunferência (Figura 1), apresentando cinco tipos diferentes de pintura bem conservadas, onde seus motivos internos próximos à borda (Figura 3) são parecidos no sentido de cores e geometria com os da peça do Sítio Tambor, Cuité, estado da Paraíba (Figura 4) e com a segunda peça do Sítio Arqueológico Moconha (Figura 5).

Em sua borda interna (Figura 3) é possível notar um padrão de motivos sobre engobo bege ou branco formado por cinco linhas finas paralelas na cor preta em direção horizontal com aproximadamente 1 cm de distância, marcadas por linhas verticais e, também, uma formação descida para vertical em alguns espaços onde essas linhas não se unem. Ademais, se verificam oito linhas finas na horizontal, duas na cor preta e seis em vermelho. O bojo e a base interna da vasilha são compostos por linhas muito finas vermelhas formando motivos em espiral ligados a triângulos na cor preta.

Por toda a sua região externa, estão distribuídos ponteados na cor preta sobre uma camada vermelha (Figura 2), correspondentes aos motivos internos localizados no bojo da peça do Sítio Arqueológico Tambor (Figura 4). No que concerne à peça seguinte do Sítio Arqueológico Moconha, (Figura 5) se trata de um fragmento medindo 43x24 cm, com a pintura da borda formada por duas linhas pretas paralelas, divididas verticalmente por nove linhas de cerca de 2 cm da mesma cor. Abaixo da borda, existe uma sequência de linhas vermelhas e pretas paralelas. Na parte central, há linhas muito finas também em espiral na cor vermelha, com resquícios de cobertura preta, trazendo correspondência com as pinturas externas em estilo curvilíneo simples da vasilha do Museu antropológico – RS (Figura 6). Dos dois últimos fragmentos, o primeiro deles (Figura 7) mede 12x15 cm, apresenta motivos sobre engobo branco ou bege em linhas retas, internas, vermelhas e horizontais abaixo da borda, e a segunda, (Figura 8) mede 7x5 cm, traz motivos diagonais e curvilíneos compostos.

FIGURA 1: VASILHA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 2: PARTE EXTERNA DA VASILHA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 3: MOTIVOS INTERNOS DA VASILHA. (COLORAÇÃO ALTERADA).



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 4: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO TAMBOR, CUITÉ, PARAÍBA.



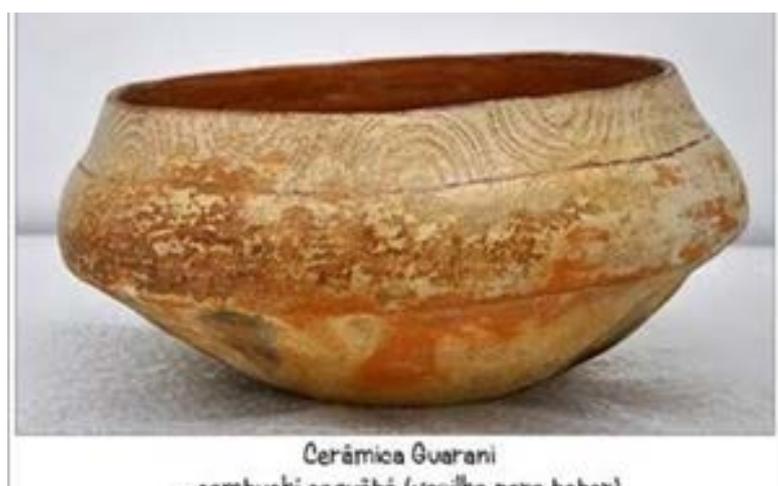
CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 5: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 6: VASILHA DO ACERVO ARQUEOLÓGICO E ETNOGRÁFICO DO MUSEU ANTROPOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL (MARS)



Cerâmica Guarani

- gambuti aguãhá (vasilha para beber)

FONTE: RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DA CULTURA, MUSEU ANTROPOLÓGICO DO RIO GRANDE DO SUL.
CATÁLOGO DO ACERVO ARQUEOLÓGICO E ETNOGRÁFICO/COORDENAÇÃO WALMIR DA SILVA PEREIRA.
PORTO ALEGRE: COMPANHIA RIO GRANDENSE DE ARTES GRÁFICA (CORAG). 2012,

FIGURA 7: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 8: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

Dando continuidade, os dois fragmentos analisados em consequente, medem 12x11cm cada, são de média espessura e em ambos foram encontradas incidências de pintura em dois tipos de motivos em bom estado de conservação localizada na parte interna. Na primeira (Figura 11) e na segunda cerâmica (Figura 13) é possível verificar que existem seis linhas de traço fino posicionadas próximas à borda, onde três dessas linhas são nas cores vermelhas ancoradas por duas linhas pretas em sentido horizontal, sendo essa uma característica que geralmente se apresenta constantemente destacando e marcando a borda do bojo, predominante em quase todas as peças analisadas. Na segunda peça em posição vertical (Figura 13) em menor quantidade em traço fino, encontram-se quatro linhas, duas na cor vermelhas, também ancoradas por duas linhas pretas em sentido reto vertical. Juntamente a isso foram identificados retângulos verticais e horizontais de curta dimensão de forma lateral no bojo da peça em cor preta sobre engobo branco ou bege e na primeira peça os mesmos retângulos, entretanto, com distribuição mais predominante por todo o bojo a partir de um padrão geométrico mais aleatório, que vai da horizontal para a vertical e diagonal, elencando fortes semelhanças com a cerâmica 122 – 279; 281 (Figura 20) do Sítio Arqueológico Piracanjuba, Pirajú, São Paulo.

Tais motivos, em especial do primeiro fragmento (Figura 11) também se compõem em formato parecido desde os traços dispostos tanto na vertical quanto na horizontal, a presença de faixas ou linhas vermelhas e as cores, com as características de fragmentos de cerâmica tupinambá com base na leitura do estudo sobre o sítio arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá I, do Rio Grande do Norte (Figura 16), (Figura 19), além de também seguirem uma distribuição no mesmo sentido dos fragmentos B e C tupiguarani (Figura 17) com pintura interna na cor vermelha presentes no estudo arqueológico em São Mateus do Sul, estado do Paraná, na Mina Dois Irmãos. Juntamente, foram verificados riscos irregulares aleatórios que parecem ‘rachaduras’ com coloração preta esverdeada (Figura 15), mas à medida que foram higienizados se tornaram mais sutis indicando que podem ser fruto da ação do tempo ou ainda outro tipo de pintura em consequente a primeira, assemelhando-se aos traços identificados em fragmentos cerâmicos tupiguarani encontrados no Sítio Arqueológico Itapera (Figura 18) e da Mata (Figura 21), cujos traços também estão sobre outra pintura, localizados no Maranhão, onde no primeiro “As amostras situaram a ocupação do sítio desde o final do século XV até o XIX (1480 a 1650 AD; 1660 a 1890 AD e 1910 a 1950 AD)” (PANACHUK, 2016, p.131).

FIGURA 9: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 10: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 11: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



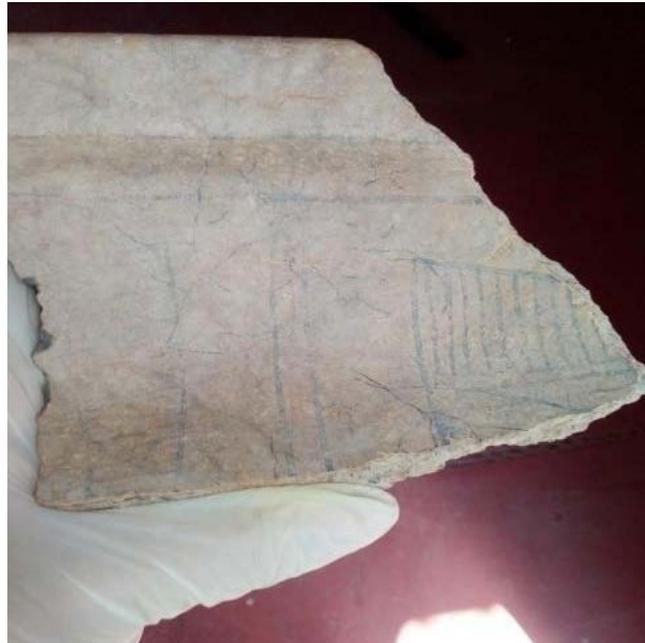
CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 12: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA. (COLORAÇÃO ALTERADA)



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 13: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



FONTE: NOGUEIRA, MÔNICA ALMEIDA ARÁUJO. A CERÂMICA TUPINAMBÁ NA SERRA DE SANTANA RN: O SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA DA SERRA DE MACAGUÁ I. RECIFE, 2011.

FIGURA 14: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA. (COLORAÇÃO ALTERADA)



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 15: DETALHES DO SEGUNDO FRAGMENTO. (COLORAÇÃO ALTERADA).



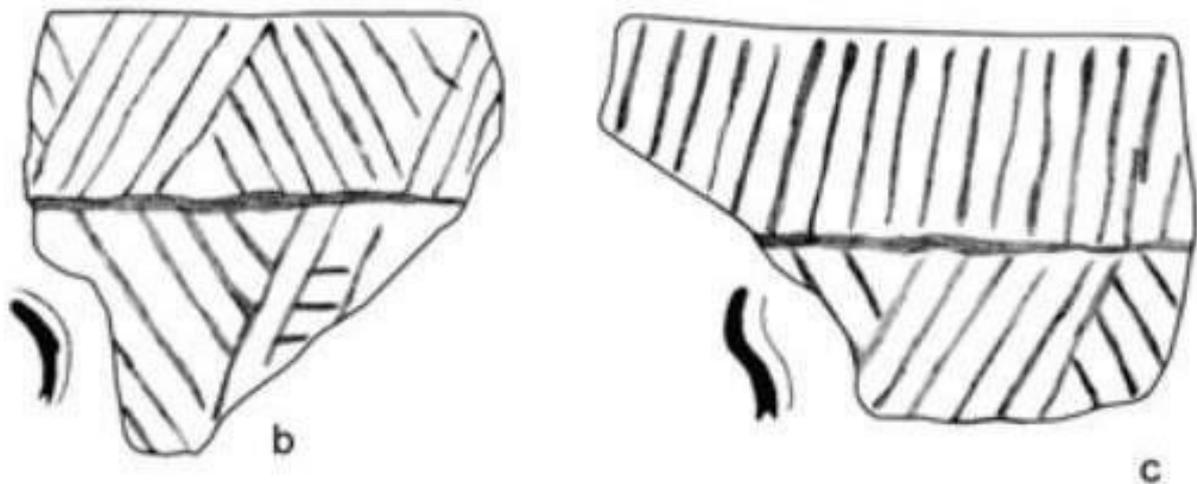
CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 16: FRAGMENTO DE CERÂMICA.



FONTE: NOGUEIRA, MÔNICA ALMEIDA ARÁUJO. A CERÂMICA TUPINAMBÁ NA SERRA DE SANTANA RN: O SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA DA SERRA DE MACAGUÁ I. RECIFE, 2011.

FIGURA 17: FRAGMENTOS DE CERÂMICA PINTADA TUPIGUARANI, COM MOTIVOS EM VERMELHO SOBRE ENGOBO BRANCO [...].



Fonte: CHMYZ, Igor et al. A ARQUEOLOGIA DA ÁREA DA MINA DOIS IRMÃOS, EM SÃO MATEUS DO SUL - PARANÁ. ARQUEOLOGIA – REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS UFPR, 2009, P.101.

FIGURA 18: SÍTIO ITAPERÁ: LINHAS MARRONS NA FACE INTERNA [...].



Fonte: PANACHUK, Lílian.. A diversidade das coisas: modos de expressão na cerâmica Tupiguarani da Ilha de São Luís e arredores, Maranhão/Brasil, 2016, p.125-171.

FIGURA 19: FRAGMENTO DE CERÂMICA.



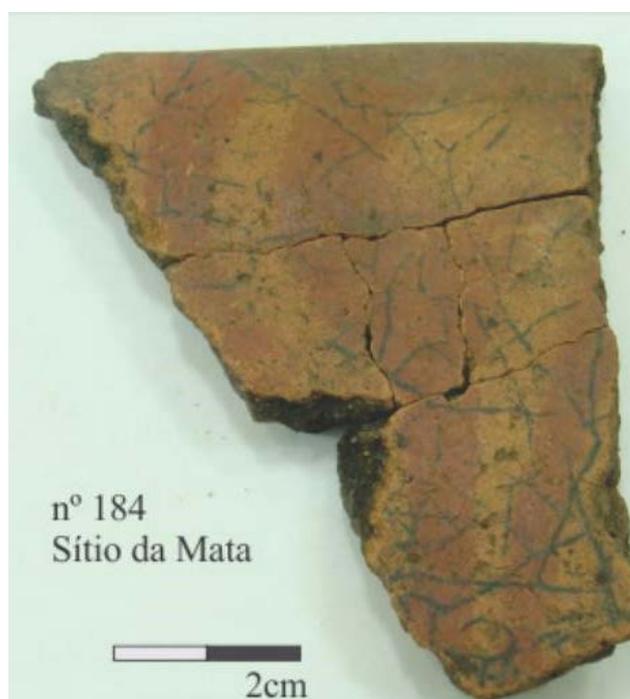
Fonte: NOGUEIRA, Mônica Almeida Araújo. A cerâmica tupinambá na serra de Santana RN: O sítio arqueológico aldeia da serra de Macaguá I. Recife, 2011.

FIGURA 20: 122 – 279; 281 DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PIRACANJUBA, PIRAJÚ, SÃO PAULO.



FONTE: DAVES, LARISSA FIGUEIREDO. A PAISAGEM CULTURAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PIRACANJUBA, PIRAJU, SP. 2016

FIGURA 21: SÍTIO DA MATA: [...] LINHAS AMARELAS E LINHAS VERMELHAS LARGAS ALTERNADAS E JUSTAPOSTAS [...]



Fonte: PANACHUK, Lillian.. A diversidade das coisas: modos de expressão na cerâmica Tupiguarani da Ilha de São Luís e arredores, Maranhão/Brasil, 2016, p.125-171.

As quatro cerâmicas analisadas a seguir, possuem pinturas na face interna e externa que se assemelham entre si, indicando pertencerem a uma mesma vasilha. Conta-se três tipos diferentes de pintura pincelar sobre engobo branco ou bege, ocupando borda, bojo e base. Na parte externa de todos os fragmentos foi detectada uma linha fina na cor preta que divide a borda (Figura 25) medindo entre todas elas aproximadamente a variante de 20 a 28 cm de comprimento, traçada em cima de uma camada de pintura na cor vermelha que se estende para a parte exterior, neste caso alterando-se para a tonalidade marrom com resquícios de preto (Figura 33) e para a parte interior, além da camada vermelha e marrom também está presente nas outras três peças.

Antes do procedimento de higienização havia grande quantidade de linhas irregulares ('rachaduras') (Figura 38) que da mesma forma que as cerâmicas anteriores foram gradativamente saindo após a limpeza, restando alguns vestígios na região superior.

Na parte de dentro das quatro peças encontra-se, da mesma forma, que a maioria das peças analisadas e comparadas: seis linhas de espessura fina também dentro da medida de 20 a 28 cm de comprimento, paralelamente distribuído, sendo três na cor vermelha limitadas por duas na cor preta localizada abaixo da borda em direção horizontal, levando em consideração que todas as peças até o momento estudadas contam

predominantemente com a coloração vermelha e preta.

Subsequente, a primeira peça mede 19x17cm (Figura 24) em seu centro a parte interna abriga motivos retilíneos triangulares, começando com a distribuição de triângulos voltados para cima e para baixo que originam losangos através de linhas vermelhas pouco visíveis em alguns pontos, classificadas como “muito finas” que se entrelaçam dando continuidade umas às outras e originando sucessivas sequências oblíquas dispersas para cima e para baixo, à direita e esquerda, ademais, há indícios de cobertura preta em quatro pontos da cerâmica preenchendo as linhas vermelhas com traços classificados por espessos, tudo isso enfatizando que geralmente:

Os motivos triangulares têm seu interior preenchido – seja por triângulos menores concêntricos, seja por linhas paralelas a um dos lados; a direção das linhas alterna de um motivo triangular para seu vizinho [...] para formar losangos, ou que se encaixam dois a dois para preencher o espaço decorativo. (PROUS, 2010, p.141).

A segunda cerâmica (Figura 26) mede 17x19cm e contém mais pinturas por se tratar de uma peça maior, sendo possível visualizá-las com mais clareza. As características citadas ao início são compreendidas do mesmo modo nessa seguinte peça e nas demais, salvo alguns detalhes. Junto às linhas vermelhas existe maior quantidade de cobertura preta preenchendo-as criando retângulos inclinados e interligados direcionados para a vertical.

A dispersão de linhas vermelhas na terceira cerâmica mede 25x14cm (Figura 28) está coberta igualmente pela cor preta em retângulos parcialmente abertos e interligados. A terceira cerâmica (Figura 28) está coberta igualmente pela cor preta em retângulos parcialmente abertos e interligados. Em última instância, o quarto fragmento cerâmico (Figura 30) mede 18x14 cm e diferente da primeira e igualmente as duas seguintes tem predominância da cor preta em retângulos diagonais distribuídos para a esquerda sobre losangos e em linhas vermelhas compostas. (Exemplos lineares identificados em todas as cerâmicas) (Figura 39).

Nesse sentido, a partir do comparativo feito com essas quatro cerâmicas do Sítio Moconha, foi possível identificar semelhanças nas cores, geometria e na distribuição dos motivos, com relação a outros sítios arqueológicos do Brasil. No que diz respeito à cerâmica do Sítio Cachoeirinha I, Piauí (Figura 34), existem similitudes com as linhas abaixo da borda, além dos motivos triangulares, a espessura e a quantidade das linhas, do mesmo modo que a parte central das cerâmicas do Sítio Moconha, salvo a ausência da cobertura preta sobre as linhas. A cerâmica seguinte do Sítio PE 0137 (Figura 35) ilustra os aspectos encontrados relacionados ao espaçamento, motivos e losangos formados e em conclusão dois fragmentos do Sítio Piracanjuba - SP (Figura 36), (Figura 37) seguem junto correspondência geométrica significativa.

FIGURA 22: DETALHES DA PRIMEIRA CERÂMICA - SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 23: DETALHES DA PRIMEIRA CERÂMICA - SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA. (COLORAÇÃO ALTERADA).



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 24: CERÂMICA - SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 25: MOTIVO EM LINHA HORIZONTAL PRESENTE NA PARTE SUPERIOR DA BORDA DAS CERÂMICAS.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 26: CERÂMICA - SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 27: DETALHES DA SEGUNDA CERÂMICA SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA. (COLORAÇÃO ALTERADA).



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 28: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 29: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.
(COLORAÇÃO ALTERADA)

CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 30: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 31: CERÂMICA DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA. (COLORAÇÃO ALTERADA)



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 32: DETALHES DA QUARTA CERÂMICA – SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA. (COLORAÇÃO ALTERADA).



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 33: PARTE EXTERNA DA QUARTA CERÂMICA – SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE, PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 34: MOTIVO 1 - LINHAS HORIZONTAIS E VERTICAIS FORMANDO DEGRAUS (FRAGMENTO PECG-03-20077). P.106.



FONTES: LOPES, MARLOS, ET AL (2018). MOTIVOS GRÁFICOS DOS VESTÍGIOS CERÂMICOS DO SÍTIO CACHOEIRINHA I, PIAUÍ. 15, 93-118.

Figura 35: Sequência de quadrados pintados, um dentro do outro, nas cores. Sítio PE 0137. P.73.



FONTE: SILVA, A. L.; OLIVEIRA, C.A.DE. ESTUDOS SOBRE CARACTERIZAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DA DECORAÇÃO DA CERÂMICA ARQUEOLÓGICA PINTADA. FUMDHAMENTOS (2019)

FIGURA 36: DECORAÇÃO PINTADA/ FACE EXTERNA ENTORNO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PIRACANJUBA, PIRAJÚ, SP, P.88.



122- 14273

FONTE: DAVES, LARISSA FIGUEIREDO. A PAISAGEM CULTURAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PIRACANJUBA, PIRAJU, SP. 2016.

FIGURA 37: DECORAÇÃO PINTADA/FACE EXTERNA ENTORNO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PIRACANJUBA, PIRAJÚ, SP, P.88.



122- 8925

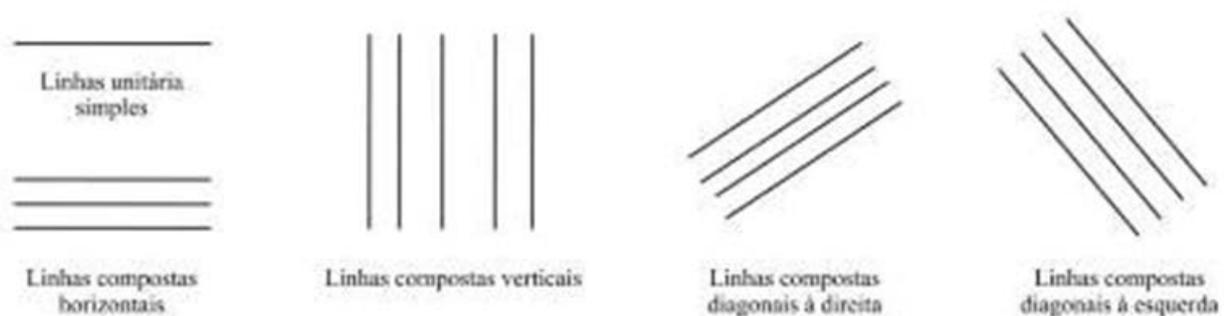
FONTE: DAVES, LARISSA FIGUEIREDO. A PAISAGEM CULTURAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PIRACANJUBA, PIRAJU, SP. 2016.

FIGURA 38: LINHAS IRREGULARES – SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB.



FONTE: DAVES, LARISSA FIGUEIREDO. A

FIGURA 39: PADRÕES DECORATIVOS NOS MOTIVOS PLÁSTICOS INCISOS DA CERÂMICA CAPÃO DO CANGA.



FONTE: LIMA, LUIZ FERNANDO ERIG. A CERÂMICA CAPÃO DO CANGA:
UMA NOVA INDÚSTRIA CERÂMICA NA BACIA DO ALTO RIO GUAPORÉ, MATO GROSSO, BRASIL.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a análise comparativa previamente realizada acima, principalmente por meio de comparação do modo fabril e de correlação das pinturas e, por consequência, motivos presentes nos fragmentos cerâmicos encontrados no Sítio Arqueológico Moconha, pode-se afirmar de maneira preliminar que tal sítio se trata de um aldeamento tupínico,



sendo assim, um dos muitos que fora encontrado até o momento no interior paraibano.

Desta forma, e com análise posterior, não só do restante da cultura material do Sítio Arqueológico Moconha, mas de outros que possam surgir, faz-se necessário que haja uma nova discussão acerca da distribuição etnográfica do território que hoje compreendemos como sendo a Paraíba, já que o modelo dicotômico de Tupi presente no litoral e Tapuias dominantes no interior não é capaz de conceber uma aldeia tupínica a tamanha distância do litoral, seja ele do atual estado paraibano, seja dos estados circunvizinhos.

Portanto, é de extrema importância que haja o fomento e incentivo a pesquisa arqueológica por todo o interior paraibano para que possamos assim encontrar novos sítios para proverem mais cultura material nativa para que seja possível entender com mais clareza e exatidão, a complexa distribuição étnica que existia na região, seja ela pré ou pós-contato, tendo em vista que tais descobertas tendem a levantar novo debate historiográfico acerca do assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). História dos Índios no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 608 p.

CHMYZ, Igor et al. A ARQUEOLOGIA DA ÁREA DA MINA DOIS IRMÃOS, EM SÃO MATEUS DO SUL - PARANÁ. ARQUEOLOGIA – Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas UFPR. 6. 1- 147.21, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-28-Fragmentos-de-ceramica-Pintada-Tupiguarani-com-motivos-em-vermelho-sobre_fig15_299284827. Acesso em: 8 de nov. 2021.

DAVES, Larissa Figueiredo. A paisagem cultural do Sítio Arqueológico Piracanjuba, Piraju, SP. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2016. Available at: <http://hdl.handle.net/11449/139265>.

HERCKMAN, ELIAS. Descrição geral da Capitania da Parahyba. Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, tomo V, n. 31, 1886, p. 239-288. Recife: Typographia Industrial.

LA SALVIA, Fernando; J. P Brochado. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LOPES, Marlos & Moraes, Flávio & De, Alencar & Amaral, Miranda & Fontes, Farias. MOTIVOS GRÁFICOS DOS VESTÍGIOS CERÂMICOS DO SÍTIO CACHOEIRINHA I, PIAUÍ. 15. 93-118, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-5-Motivo-1-linhas-horizontais-e-verticais-formando-degraus-fragmento_fig2_338186683. Acesso em: 28 de nov. 2021.

LIMA, Luiz Fernando Erig. A CERÂMICA CAPÃO DO CANGA: UMA NOVA INDÚSTRIA CERÂMICA NA BACIA DO ALTO RIO GUAPORÉ, MATO GROSSO, BRASIL. Amazonica - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 186-220, jun. 2012. ISSN 2176-0675. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/885/1278>. Acesso em: 29 de nov. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v4i1.885>.



NOGUEIRA, Mônica Almeida Araújo. A cerâmica tupinambá na serra de Santana RN: O sítio arqueológico aldeia da serra de Macaguá I. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/833>. Acesso em: 8 de nov.2021.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Mapa Etno-Histórico do Brasil e regiões adjacentes**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Mapa%20Nimuendaju%202017%20versão%20Jorge%2004092017.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2021.

PANACHUK, Lílian. A diversidade das coisas: modos de expressão na cerâmica Tupiguarani da Ilha de São Luís e arredores, Maranhão/Brasil. Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico/UFGM, v. 25/1, p. 125- 171, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mhnpj/article/view/6292>. Acesso em: 8 de nov. 2021.

PROUS. A. A Pintura Tupiguarani em Cerâmica. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 8: 11-20, 2009.

PROUS, A.; ANDRADE Lima, T. Os Ceramistas Tupiguarani. Volume I. Sínteses Regionais. Revista de Arqueologia, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 143–147, 2009. DOI: 10.24885/sab.v22i1. 268. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/index.php/sab/article/view/268>. Acesso em: 22 nov. 2021.

_____. Os Ceramistas Tupiguarani. Volume II. Elementos decorativos. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais. v.2, 256 p.2010.

SILVA, A. L.; OLIVEIRA, C.A. de. Estudos sobre Caracterização e Classificação Decoração da Cerâmica da Arqueológica Pintada. FUMDHAMENTOS, vol.XVI, n.1. pp. 55-76, 2019. Disponível em: http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2020/03/fumdham-fumdhamentos-xvi-2019-n-1-_318790.pdf Acesso em: 28 de nov.2021